

seminário 'prestação de contas e a invenção da realidade'
8 out. 2026, 09h30 – 17h30 | Auditório Carvalho Guerra, UCP — Porto

Na Casa da

Prestação de Contas, passamos portas!



Projeto promovido por:



ÁREA TRANSVERSAL DE ECONOMIA SOCIAL

Com o apoio:



Com o apoio institucional:



seminário

prestação de contas e a invenção da realidade

8 out. 2026 | 09h30 – 17h30

Auditório Carvalho Guerra | Universidade Católica Portuguesa — Porto

manifesto

Quando imaginamos a casa da prestação de contas, assumimos um território vivo, habitado por memórias e histórias, afetividades e possibilidades, tempos e formas plurais. Nas múltiplas formas que uma casa pode ter e ser — salas de jantar, varandas, portas, janelas, cozinha, átrios, vestibulos, alpendres, pátios —, como comunicam estes espaços entre si? Como transitamos entre espaços interiores e exteriores?

Acreditamos que a prestação de contas deve ser entendida como uma casa aberta e arejada, habitada por diversas inquietações e perguntas. Perguntar é abrir portas. Como nos lembra Afonso Cruz¹, “[s]ão as perguntas que nos fazem mover. As perguntas são a porta da rua. Quando nos interrogamos, quando duvidamos das nossas paredes, é porque estamos a passar pela porta”. Assim, duvidar das nossas paredes é atravessá-las, acolher formas fluidas de construção de uma casa, imaginar espaços, interiores e exteriores, que se habitem de forma relacional, cuidada, atenta no dia a dia, porque conforme nos desafia Adília Lopes:

“É preciso desentropiar
a casa
todos os dias”.

Neste sentido, desentropiar a casa e atravessar as suas paredes são atos de uma política de cuidado e de resistência em que importa abraçar silêncios e desafiar: “Não queres fazer o silêncio comigo?” (Ana Luísa Amaral). Em tempos de estreitamento do espaço cívico, consideramos fundamental “passar pela porta”, porque são as perguntas e os silêncios coletivos que nos movem. A ação das OES em contextos de pressão, vigilância ou deslegitimação precisa de uma prestação de contas relacional e política, em que os vários espaços da casa comunicam entre si e “passam pela porta” até à praça pública.

Reconhecendo que o espaço cívico não se fortalece pela monotonia nem pela uniformidade, valorizamos os movimentos que nascem, também, do desconforto e de tensões, enquanto possibilidades de (auto)transformação e de aprendizagem organizacional. Valter Hugo Mãe² confia-nos que inventar a felicidade é melhor do que aceitar como definitiva uma realidade qualquer. Talvez possamos dizer o mesmo do espaço cívico: ele não é dado, é construído e de forma colaborativa. Tal como uma casa exige cuidado, manutenção e renovação, também o coletivo envolve a capacidade de desenvolver “coisas boas, das de pensar, sentir ou fazer” (Valter Hugo Mãe), contribuindo para fortalecer o espaço cívico.

A prestação de contas transparente pode, assim, ser entendida como um exercício de “pensar, sentir ou fazer” mudanças na Casa, atravessando paredes como exercício contínuo de cuidado coletivo. Num setor plural, a diversidade não é problema, é condição e princípio de colaboração. As organizações são, deste modo, chamadas a reforçar a sua legitimidade: são desafiadas a (re)agir — fazer escolhas sobre formas de adaptação, de resistência e/ou de regeneração — isoladamente ou intensificando relações. A prestação de contas transparente, enquanto prática de cuidado e de resistência, pode ser um território onde reconhecemos identidades diversas, fragilidades gestionárias, desconfortos organizacionais e pessoais. É, assim, um território onde procuramos atravessar paredes e desafiar “rodas quadradas” (Afonso Cruz), a partir do encontro com a imaginação, a experimentação, a colaboração e a celebração no dia a dia, reinventando modelos arquitetónicos, dinâmicas gestionárias e significados, interiores e exteriores.

¹ *Para Onde Vão os Guarda-Chuvas*

² *O Paraíso são os Outros*

09h30

Abrir a Casa, Sacudir o pó

“Têm razão os cépticos quando afirmam que a história da humanidade é uma interminável sucessão de ocasiões perdidas. Felizmente, graças à inesgotável generosidade da imaginação, cá vamos suprimindo as faltas (...) inventando chaves para abrir portas órfãs de fechadura ou que nunca a tiveram.” — José Saramago, *A Viagem do Elefante*

Passar a porta implica aceitar que nem todos os caminhos estão traçados e que, muitas vezes, é preciso inventá-los. Ainda bem! Num contexto que pode parecer feito de bloqueios e ocasiões perdidas, a imaginação torna-se um gesto político: sacudir o pó, abrir passagens, procurar e criar frestas, encontrar outras formas de sentir e de agir. A entrada nesta praça é, assim, um convite ao movimento — sair do já conhecido, atravessar o limiar e assumir a responsabilidade de construir, em conjunto, caminhos onde eles ainda não existem.

10h00

Passar a Porta e pintar o amanhecer

“Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,
como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.” — Adélia Prado

— João Pinto (Universidade Católica Portuguesa)

— Ana Feijó (BPI/Fundação "la Caixa")

Abrir este encontro é começar por saudar o dia. Num tempo em que o espaço cívico se estreita, como queremos pintar a prestação de contas? Talvez seja uma ocasião para assumirmos a prestação de contas como um exercício contínuo de questionamento, de habitar uma casa em que cada dia amanhecemos a atravessar as nossas paredes. Este Seminário começa precisamente aí: numa vontade de pintar a casa, passar portas, sacudir o pó, abraçar as frestas e desenhar novos territórios de cuidado, reconhecendo que a inquietação partilhada abre caminho à construção coletiva.

10h15

Atravessar as paredes — Convocatória a uma prestação de contas transparente

“Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível...”
— Eduardo Galeano, *O Livro dos Abraços*

Entre medos e possibilidades, entre dúvidas e condicionalismos conjunturais com implicações no quotidiano organizacional, o setor da Economia Social é convocado a redefinir-se e a posicionar-se. Num contexto de crescente pressão sobre o espaço cívico, esta conversa propõe uma leitura crítica em torno das tensões e das transformações em curso no acesso à decisão política, aos recursos e à *advocacy*. Ao mesmo tempo, abre-se espaço para reconhecer as respostas que têm emergido, onde a prestação de contas transparente se pode afirmar como um exercício contínuo de aprendizagem organizacional e uma prática consciente de resistência, legitimidade, confiança e ação coletiva.

[cont.]

10h15

Atravessar as paredes — Convocatória a uma prestação de contas transparente

Sala de Estar — Espaço Político

— **Sérgio Pratas** (Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto)
Como é que as organizações escolhem posicionar-se num espaço político mais restritivo?

Jardim — Recursos

— **Rosa Couto** (Cerciespinho)
Que transformações estão a acontecer no acesso a recursos?

Varanda — Advocacy

— **Cláudia Pedra** (Amnistia Internacional)
Que formas de ação e resistência estão, hoje, ao alcance das organizações?

12h30

Almoço: Partilhar Mesa — Um ato político?

*“Vocês comem sozinhos. (...) Os que comem sozinhos escondem alguma coisa.” — Mia Couto, *A Confissão da Leoa**

Em tempos de fragmentação e desconfiança, partilhar a mesa é um gesto político: contrariar o isolamento, abrir processos, criar relação. A prestação de contas pode ser entendida, assim, como prática relacional, onde se partilha o que se faz, como se faz e com quem se faz. Este momento convida a vivenciar o encontro e o cuidado como atos políticos: partilhar a mesa, degustar conversas e reconhecer o valor da proximidade e da convivialidade.

14h30

Olhar as Paredes — Territórios de Cuidado

*“Constrói-me a casa...
Constrói-me a casa
Com o barro de dentro
Entrelaça o colmo
Guarda dos caminhos
Guardião do fogo
Fixa um tronco aqui
E outro ali
Prepara a preciosa mistura de lamas
E procura a fibra vegetal exacta
Constrói-me a casa com o barro de dentro
Guarda dos caminhos
Guardião do fogo.” — Ana Paula Tavares*

Num tempo de intensificação de conflitos, de redefinição global da arquitetura do espaço cívico, propomos uma reflexão sobre as paredes que sustentam a ação das OES e que, no contexto atual, faz sentido atravessar. Este momento pretende convocar-nos a habitar territórios de cuidado, em que a experimentação, a problematização e a interpelação convivem com a proximidade e a escuta atenta.

Cada território será vivenciado a partir de uma questão central, com a facilitação de duas pessoas anfitriãs, convidando todas as pessoas participantes a participar ativamente, convocando quer a experimentação de diferentes linguagens — da palavra ao corpo, do desenho à relação — como forma de aprofundar a reflexão, quer a imaginação para abrir novas possibilidades de ação.

14h30

[cont.]

Olhar as Paredes — Territórios de Cuidado

Entre tensões mais ou menos estruturais, entre desassossegos e desgastes emocionais, entre pressões e preocupações diárias, quando foi a última vez que abrimos a casa? Que paredes precisam de ser cuidadas e celebradas para resistir à turbulência dos dias?

Convidamos, assim, a entrar em diferentes territórios de uma prestação de contas transparente, procurando identificar práticas concretas, escolhas e caminhos que as organizações possam reforçar no seu dia a dia.

Chão — Paredes que *sustentam* legitimidade, identidade e confiança

— **Isadora Freitas** (ATES/UCP) e **Cláudia Dias** (CIS Porto – Centro de Inovação Social)

Este território propõe uma reflexão sobre aquilo que sustenta as organizações quando a sua legitimidade é colocada em causa. Num contexto em que a transparência e a prestação de contas podem ser instrumentalizadas para questionar ou limitar a ação das organizações, importa cuidar do chão da casa e refletir de forma crítica e aberta sobre: quem somos, a quem prestamos contas e com que propósito? No chão da casa, abordaremos as tensões entre missão e adaptação, entre participação real e simbólica, e para repensar a prestação de contas transparente como prática relacional, ética e política. Procuraremos, também, identificar as “paredes”, aqui encaradas como práticas concretas que reforcem a legitimidade, a coerência e a relação com as comunidades com quem as organizações trabalham, problematizando o próprio sentido de comunidade.

Teto — Paredes que *alimentam* recursos, autonomia e resiliência

— **Filipe Pinto** (ATES/UCP) e **Carmo Fernandes** (Albergues do Porto)

Num contexto de crescente pressão sobre os recursos — financeiros, humanos e institucionais —, este território convida à reflexão sobre os equilíbrios (por vezes frágeis) entre sustentabilidade e autonomia organizacional. Com efeito, desafia-nos a repensar o setor e a desenhar novos tetos e caminhos, assumidos como paredes que geram mudança no *modus operandi*. Entre sobrevivência e resistência, que estratégias têm sido desenhadas e implementadas pelo setor da Economia Social em Portugal? Como garantir a continuidade sem comprometer a missão? Até que ponto a restrição do espaço cívico constitui uma oportunidade para reforçar uma prestação de contas lateral (responsabilização perante os seus recursos humanos e a missão organizacional)? Que modelos de financiamento permitem criar tetos de independência gestionária e influenciar prioridades, discursos e práticas? Como romper com a lógica instrumental e excessivamente burocrática da prestação de contas, que sobrecarrega as equipas e é comumente percecionada como controlo? E, pelo contrário, como pode a prestação de contas transparente ser vivida como instrumento de aprendizagem e de legitimação organizacional? Esta será uma conversa sobre sobrevivência e resistência, sobre escolhas e posicionamentos, sobre compromissos e reinvenção, explorando caminhos possíveis para reforçar autonomia, diversificar recursos e recentrar a prestação de contas na missão.

Escadas — Paredes coletivas que *ligam e resistem*

— **Graça Rojão** e **Catarina Taborda** (Coolabora)

E se pudéssemos ser casa aberta e arejada, que cria chão de convívio, de proximidade, de criação de (rel)ação e, simultaneamente, desloca tetos e poliniza aprendizagens? Este território centra-se nas possibilidades de sustentar e de atravessar paredes, de colaborar e de imaginar ações coletivas perante o estreitamento do espaço cívico. Neste contexto, resistir torna-se um desafio coletivo. Que formas de resistência são possíveis? Quando é que se torna necessário adaptar e quando é que é urgente confrontar? Que papel têm as redes, as parcerias e a construção de narrativas partilhadas? Mais do que respostas únicas e fechadas, procuraremos abrir portas e janelas para imaginar e identificar formas concretas de ação colaborativa, que permitam cuidar, sustentar, expandir a capacidade coletiva de intervenção do setor da Economia Social em Portugal.

16h00

Imaginar a Casa que resiste

“Podem decretar o fim da arte
É como decretar o fim da chuva”
Há sempre alguém que sonha em qualquer parte
E a nossa voz nunca será viúva

Podem decretar o fim do pão
Espalhar pela seara uma alcateia
Mas quem nasce a fazer a divisão
Pode morrer pela última ceia” — A Garota Não, *Canção sem final*

— **Vanessa Marcos** (ATES/UCP)

Quando o espaço cívico se estreita, resistir é também continuar a imaginar. Imaginar outras formas de habitar e cuidar a casa, de abrir frestas e de atravessar, coletivamente, as paredes. Este momento convida-nos a olhar para os desafios atuais do setor, reconhecendo que a prestação de contas pode afirmar-se não apenas como resposta às exigências do presente, mas também como prática de resistência, imaginação política, legitimidade e construção de futuros possíveis.

16h30

Histórias vividas nas paredes que atravessamos

“As Grandes Histórias são aquelas que já ouvimos e queremos voltar a ouvir.” [tradução livre] — Arundhati Roy, *O Deus das Pequenas Coisas*

Ao longo do dia, foram-se cruzando experiências, dúvidas, silêncios, inquietações e possibilidades que, mais do que respostas fechadas, compõem histórias em construção. Histórias que reconhecemos e às quais regressamos. História que desconhecemos e que acolhemos porque nos ajudam a dar sentido ao que fazemos. Este momento é um convite a olhar para o caminho percorrido como parte de uma narrativa coletiva, feita de continuidades, revisitações e novas perguntas.

As histórias têm ciclos. Fechar é também abrir, levar connosco o que escutámos — as vozes, as perspetivas, as tensões, as possibilidades — implica reconhecer que a ação começa na atenção ao outro. Num tempo exigente, talvez resistir passe também por escutar mais e melhor e por transformar essa escuta em compromisso. Afinal, “[e]scutar foi desde sempre um ato político e ético.”, diz-nos José Eduardo Agualusa (*Tudo Sobre Deus*). Fica a pergunta: *que portas levamos connosco para abrir lá fora?*

17h00

Fechar a porta de uma casa sem fechaduras

inscrições abertas

<https://forms.gle/ZpEPvi2oGpwsYTnh8>



Projeto promovido por:



Com o apoio:



Com o apoio institucional:

